

MELO, Mônica Santos de Souza. O discurso religioso televisivo: a argumentação sob uma perspectiva discursiva na resposta a um protestante. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 189-208, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

**O DISCURSO RELIGIOSO TELEVISIVO: A ARGUMENTAÇÃO SOB UMA
PERSPECTIVA DISCURSIVA NA RESPOSTA A UM PROTESTANTE.**

**LE DISCOURS RELIGIEUX TÉLÉVISÉ: L'ARGUMENTATION SOUS UNE
PERSPECTIVE DISCURSIVE DANS LA RÉPONSE À UN PROTESTANT.**

Mônica Santos de Souza Melo¹

Resumo: Esse artigo propõe uma abordagem discursiva do fenômeno da argumentação no discurso religioso católico. Tomaremos como objeto de estudo um fragmento do programa Escola da Fé, apresentado na TV Canção Nova pelo professor Felipe de Aquino. Verificamos que os enunciadores se apoiam numa argumentação construída em torno do tripé *logos*, *pathos* e *ethos* para resgatar uma imagem positiva do catolicismo e, simultaneamente, desvalorizar o protestantismo.

Palavras-chave: argumentação, análise do discurso, discurso religioso.

Résumé: Cet article propose une approche discursive du phénomène de l'argumentation dans le discours religieux catholique. Nous allons prendre comme objet d'étude un fragment de l'émission Escola de Fé, présenté sur la TV Canção Nova par le professeur Felipe de Aquino. Nous avons constaté que les énonciateurs s'appuient sur des arguments construits autour du trépied *logos*, *pathos* et *ethos* pour récupérer une image positive du catholicisme et simultanément dévaluer le protestantisme.

Mots-clés: argumentation, analyse du discours, le discours religieux.

Nosso objetivo nesse trabalho é, a partir de uma reflexão em torno da possibilidade de uma abordagem discursiva do fenômeno da argumentação, colocar em prática uma análise da organização argumentativa do discurso religioso católico. Para isso, tomaremos por objeto de estudo um fragmento do Programa Escola da Fé, apresentado semanalmente na TV Canção Nova pelo Professor Felipe Aquino. Vamos

¹ Professora Associada do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa.
monicasmelo@yahoo.com.br

MELO, Mônica Santos de Souza. O discurso religioso televisivo: a argumentação sob uma perspectiva discursiva na resposta a um protestante. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 189-208, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

analisar uma parte do programa veiculado em 29/07/2010². No fragmento analisado temos a resposta a um telespectador protestante que dirige ao programa uma série de críticas à Igreja Católica. Pretendemos analisar o modo pelo qual a inserção num dispositivo midiático afeta o discurso religioso, de tal forma que esse deixa de apresentar o caráter de um mero diálogo no formato pergunta-resposta e se torna um diálogo midiático, público, que prevê, tanto por parte daquele que pergunta quanto por parte de quem responde, uma visibilidade possibilitada pela inserção dessa interação num programa de televisão de grande audiência, audiência essa representada, em sua grande maioria, por um público católico. Verificamos que os enunciadores se apoiam numa argumentação construída em torno do tripé *logos*, *pathos* e *ethos* para resgatar uma imagem positiva do catolicismo e, simultaneamente, desvalorizar o protestantismo. Partiremos de algumas considerações em torno do fenômeno de mediação do discurso religioso para, em seguida, refletir sobre os pressupostos básicos que vão orientar nossa análise.

A mediação do discurso católico: considerações gerais

A Igreja Católica tem, cada vez mais, recorrido aos meios de comunicação com a finalidade de resgatar uma hegemonia que se vê ameaçada pelo decréscimo no número de fiéis. Carranza (2011, p. 97) apresenta dados que evidenciam o que ela denomina "desinstitucionalização" da igreja católica, que seria um processo de enfraquecimento da Igreja que a afetaria como instituição. De acordo com essa autora, em 1890, 98,8% da população era católica. Em 1980, esse percentual sofreu uma queda de 10 pontos e em 2000 caiu para 73,8%. Para o autor, esses dados estatísticos apontam para um processo de "descatolização da sociedade brasileira" (Carranza, 2011, p.99).

Para a autora, as razões desse declínio ultrapassam a esfera religiosa, integrando processos de mudanças culturais mais amplos. Essa aparente decadência tem sido, no entanto, acompanhada pela Igreja Católica e tem levado a reações, dentre as quais se

² O trecho do programa analisado está disponível para acesso público em www.youtube.com/watch?v=y3pTw2sySUK

MELO, Mônica Santos de Souza. O discurso religioso televisivo: a argumentação sob uma perspectiva discursiva na resposta a um protestante. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 189-208, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

destaca o uso cada vez maior dos meios de comunicação. De acordo com Gasparetto (2011):

O surgimento do fenômeno midiático religioso se deve de modo especial a três fatores: primeiro, o desenvolvimento da Modernidade. Segundo, na conjunção de transição de milênio, o surgimento de outras formas, expressões e práticas de religiosidade-espiritualidade, principalmente no panorama católico ocidental latino-americano; e terceiro, o papel marcante do campo midiático e das novas tecnologias de informação e comunicação eletrônicas na construção e divulgação das outras formas e estratégias de religiosidade. (GASPARETTO, 2011, p. 108)

Neste contexto, a igreja católica vem investindo nos meios de comunicação e nas novas tecnologias como forma de difundir e popularizar cada vez mais o catolicismo. Trata-se de um processo de “midiatização do discurso religioso”. Para Verón, *apud* Gasparetto (2011):

(...) a midiatização envolve os meios de comunicação social como dispositivos tecnológicos, convertidos em meios de condições de produção e a determinadas modalidades de recepção de mensagens. A midiatização engloba os meios (instituições midiáticas), as instituições não midiáticas na sociedade e também os atores sociais. (GASPARETTO, 2011, p. 83)

Nesse sentido, a instituição, representada pela igreja, afeta e é afetada pela mídia e pelos atores sociais, que, por sua vez, são membros de uma sociedade e estão inseridos em complexas relações sociais. Surge, assim, o que Carranza denomina “catolicismo midiático” (CARRANZA, 2011, p.19).

Um dos dispositivos que mais têm sido utilizados pela Igreja Católica para captar fiéis é a televisão. No Brasil, uma das primeiras e mais expressivas produções nesse sentido é a “Santa Missa em seu Lar,” programa transmitido ininterruptamente pela TV brasileira desde 1963. Atualmente há no Brasil uma série de programas católicos de diversos gêneros, veiculados pela rádio, pela TV e, mais recentemente, pela internet.

Para Soulages (1999, p. 57), “A imersão do fluxo televisual no espaço doméstico dos destinatários lhes confere uma temporalidade específica e contribui para fazê-lo participar do ciclo da vida cotidiana.” Sendo assim, o recurso à TV permite que a Igreja

MELO, Mônica Santos de Souza. O discurso religioso televisivo: a argumentação sob uma perspectiva discursiva na resposta a um protestante. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 189-208, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

“busque” o fiel em sua casa. No Brasil, um dos exemplos mais notórios é a TV Canção Nova.

A TV Canção Nova é a primeira TV de cunho exclusivamente religioso no Brasil e mantém uma programação diversificada. Está vinculada à Canção Nova, primeira comunidade de Renovação Carismática Católica (RCC) de que se tem notícia no Brasil, que foi fundada em 1978 pelo padre Jonas Abib, no município de Cachoeira Paulista, São Paulo e tem se especializado na evangelização através dos meios de comunicação.

Argumentação numa perspectiva discursiva

Vamos desenvolver aqui uma análise argumentativa do discurso, baseada em pressupostos da Nova Retórica, de Perelman, associados à visão discursiva da argumentação, proposta por Charaudeau.

Partindo dos estudos sobre argumentação na perspectiva da Nova Retórica, não é difícil vislumbrar que os pressupostos de Perelman (1996) são compatíveis com a proposta de se estudar a argumentação numa perspectiva discursiva. Para esse autor, a argumentação não se desenvolve no vazio, mas numa situação socialmente e psicologicamente determinada, que diz respeito às posições ocupadas por aquele que fala e seu auditório.

Tal visão, como antecipamos, é plenamente compatível com os estudos discursivos contemporâneos. No âmbito da Teoria Semiolinguística do Discurso, Charaudeau (1992) considera que a argumentação é um processo intersubjetivo, já que exige, além de um sujeito que desenvolva uma asserção sobre uma tese, um outro sujeito que constitui o alvo da argumentação e a quem o sujeito que argumenta pretende levar a partilhar não a mesma verdade, mas uma veracidade, que dependeria das representações socioculturais partilhadas pelos membros de um grupo dado em nome da experiência e do conhecimento; assim, a existência de um dispositivo argumentativo não determina a forma particular que assumirá a argumentação num texto, mas essa depende dos fatores situacionais, isto é, da influência determinada pela situação de troca e pelo contrato de fala.

Na busca da influência, que consiste em fazer o outro partilhar um universo de discurso, o enunciador pode lançar mão de um processo lógico e de outros meios, como os proporcionados pelo dispositivo enunciativo adotado e pelos outros modos de organização do discurso.

Charaudeau (2001) afirma que o sujeito desenvolve estratégias de argumentação em função das finalidades de influência que correspondem a seu projeto de fala. O dispositivo argumentativo será constituído pela tese a ser postulada, e pelos universos de problematização e contextualização, implícito e explícito. Essas estratégias se desenvolvem de forma a determinar a posição de autoridade do sujeito falante, reforçando sua legitimidade. Servem também para dotar o discurso de credibilidade e, finalmente, para atrair o ouvinte. Para tanto, o sujeito se valerá de procedimentos argumentativos a fim de legitimar ou inferir credibilidade à sua fala, ou ainda captar o seu interlocutor. Na tentativa de legitimação, o enunciador se apoiará numa posição de autoridade (seja institucional ou pessoal) para se pronunciar. Já na tentativa de alcançar credibilidade, o locutor se posicionará de maneira a determinar uma posição de verdade. Ora o enunciador optará pela neutralidade, ora pelo engajamento. E por fim, quando estiver em cena o jogo de captação, o locutor tentará convencer o interlocutor sobre sua fala.

Toda argumentação tem como objetivo principal estimular a adesão de seus interlocutores à suas teses, de modo a criar nos ouvintes uma predisposição à ação ou uma ação efetiva. Para que haja a argumentação, estabelece-se entre os indivíduos um contrato intelectual baseado principalmente no fato de os enunciadores compartilharem contextos sócio-históricos. Portanto, a existência de um dispositivo argumentativo não é o único fator responsável pela argumentação de um texto. Essa depende também dos fatores situacionais, determinados pela situação de troca e pelo contrato de fala.

A argumentação recorre a uma série de recursos discursivos para obter a adesão do auditório. Esses recursos envolvem não só argumentos da ordem do *logos*, ligados mais diretamente à razão, mas também do *pathos* (argumentos que visam suscitar algum tipo de reação de ordem emocional no ouvinte) e do *ethos* (imagem de si que o orador constrói no discurso). Vamos propor uma articulação desses três componentes da

MELO, Mônica Santos de Souza. O discurso religioso televisivo: a argumentação sob uma perspectiva discursiva na resposta a um protestante. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 189-208, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

estrutura argumentativa para interpretar as estratégias utilizadas pelos enunciadores para responder aos questionamentos propostos pelo telespectador.

Descrição do esquema enunciativo

O Programa Escola da Fé, transmitido semanalmente pela TV Canção Nova é apresentado pelo Professor Felipe Aquino e tem como objetivo aprofundar o estudo das doutrinas da Igreja Católica. No Programa, o Professor Felipe responde a perguntas de telespectadores e comenta notícias da atualidade, apresentando a posição da igreja católica sobre os fatos descritos. Recebe, às vezes, convidados que são entrevistados ou que participam da discussão dos temas abordados e das respostas aos telespectadores.

Aqui abordaremos uma parte do programa veiculado em 29 de julho de 2010, em que Felipe Aquino recebe o Padre Paulo Ricardo. Analisaremos um fragmento em que ambos respondem a uma consulta de um telespectador evangélico.

Vamos transcrever, imediatamente, a pergunta e a resposta que serão objeto de nossa análise, uma vez que o conhecimento dessa interação é essencial para a compreensão da análise que ora propomos.

Resposta à consulta de um telespectador.

Pergunta: O J. Ferreira faz a seguinte pergunta: Graças a Deus que o próprio Senhor levantou Lutero para por fim à soberania da grande Babilônia. É muita prepotência da Igreja Católica, falida e suja, querer se dizer a Igreja de Cristo. Jesus não fundou igreja e muito menos a católica, que é um antro de perdição e pedofilia. Gostaria de saber onde está escrito na Bíblia que Jesus fundou igreja e onde está escrito que Pedro foi Papa. A pedra de que fala o Evangelho é Jesus, e não Pedro. Estudem mais.

Resposta: Padre Paulo Ricardo: Veja, tudo bem. Vamos lá. Vamos por partes porque é um tiroteio. Isso não é uma pergunta. É um tiroteio. Então vamos lá. Primeira coisa a acusação de que a Igreja católica é a Babilônia. Essa acusação é simplesmente ignorância sua. De não saber ler o Apocalipse, né? O apocalipse fala de duas bestas, uma é um poder político, outra é um poder religioso. Ora, quando o apocalipse foi escrito, isso foi no ano 100, quem era o poder político e o poder religioso que estava matando cristãos? Era claramente o Império Romano e a religião de culto ao imperador. Porque era exatamente por isso que os cristãos estavam indo para as arenas dos leões para serem mortos. Porque se recusavam a entregar a Bíblia aos perseguidores, se recusavam a oferecer o culto ao imperador. Então foi aí então que surgiu o

cristianismo. Agora o senhor me explique como é que essa Bíblia que o senhor carrega debaixo do braço existe sem os bispos da igreja católica? Esse é o problema. Por que? Porque esse pessoal protestante acha que a Bíblia caiu do céu de para-queda com zíper e tudo, né? (risos e aplausos) Por que? Porque durante... durante... A Bíblia, hoje nós temos um volume bonitinho, né... Você que tem uma igreja que surgiu a partir da imprensa é fácil carregar a Bíblia debaixo do braço porque você nasceu quando já tinha a imprensa. A igreja católica teve que viver durante 1500 anos onde a Bíblia não era um livrinho assim. Era uma biblioteca imensa que ninguém podia ter em casa porque tinha que ser copiada palavra por palavra. Não é? E nós sobrevivemos 1500 anos, graças a Deus, a tradição, da palavra de Deus que foi transmitida. Porque quem foi que disse que.. por exemplo ..não vamos nem entrar .nem no rolo dos livros do antigo testamento, vamos entrar nos 27 livros do Novo Testamento que é na minha Bíblia e na sua, seu doutor protestante. Nós temos 27 livros iguais. Estes 27 livros Foram colocados ali magicamente? Vai estudar a história da Igreja e entender que foram 3 séculos de brigas, 3 séculos de briga porque os gnósticos, como bem lembra o senhor Dan Brown no Código Da Vinci, os gnósticos queriam colocar todo tipo de asneira dentro da Bíblia. Eles queriam colocar o Evangelho de Maria Madalena, o Evangelho de Tomé, o Evangelho de Lucas, tudo lá dentro da Bíblia. E a Igreja Católica disse: Não.

Professor Felipe de Aquino: Os apócrifos, né?

Os apócrifos. Já Marcião, que era um outro herege, queria tirar tudo, né? Queria jogar no lixo o Antigo Testamento, queria jogar no lixo todos os evangelhos exceto o de Lucas. Queria jogar no lixo todas as cartas, exceto algumas cartas paulinas. Houve 3 séculos de briga. Se não fossem os bispos da Igreja Católica de que jeito que o senhor tinha esses 27 livros aí debaixo do seu braço? É fácil acusar a Igreja de Babilônia, é fácil cuspir no prato em que você comeu! Nós guardamos a Bíblia durante 1500 anos pro Senhor ... agora deturpá-la e interpretá-la da forma errada. Se o senhor tem Bíblia, o senhor deve isso à Igreja Católica. É isso. A essa igreja que o senhor diz que é um antro de perdição e de pedofilia. Agora faz uma coisa. Estatisticamente, existem muito mais pastores acusados de pedofilia do que padres.

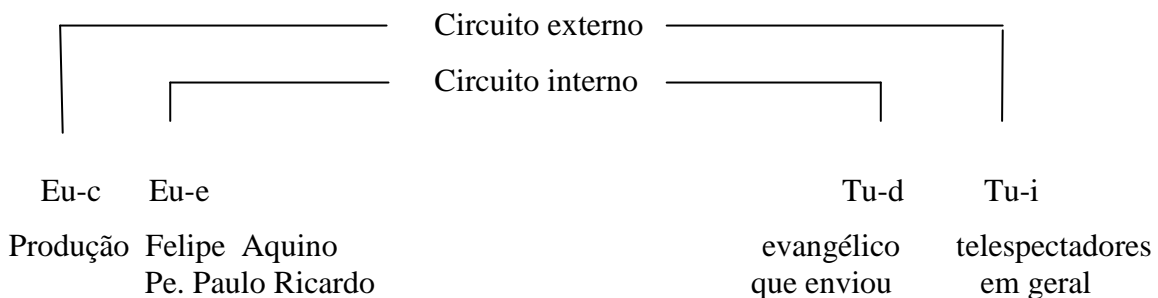
Professor Aquino: Uma outra coisa, outra coisa que foi colocada aí nessa pergunta, padre Paulo, eu não entendo como faz uma pergunta dessas, onde está na Bíblia que Jesus fundou a Igreja? Meu Deus, Mateus, 16, 17 e 18: sobre ti, Pedro, edificarei a minha igreja. A minha é um pronome pessoal. Quer dizer, não é possível que o senhor que tem a Bíblia lá, viu lá, não entende que Cristo fundou a Igreja no ano 30 mais ou menos da era cristã e colocou em torno dele os apóstolos e disse que os apóstolos quem vos ouve a mim ouve, Lucas 10-16 ... Como é que uma pessoa que lê tudo isso ainda tem dúvida que Jesus instituiu a Igreja. E disse as portas do inferno .nunca prevalecerão contra ela.

Padre Paulo Ricardo: Mas sabe porque professor, porque eles acham, o protestante acha que o mundo se resume à cabecinha deles, então, eles acham que igreja é uma instituição. Ou seja, ele quer que a igreja Jesus tenha fundado a igreja Jesus tenha ido lá no cartório e registrou o CNPJ da igreja, não é, e pronto, agora tem igreja. Mas igreja não é isso, meu filho. A igreja ela é muito mais invisível do que visível. Igreja é o corpo de Cristo. Igreja é aquilo que tá lá no céu. Igreja são os santos. Igreja são os anjos, as pessoas que já estão salvas. Igreja são as pessoas que estão

no purgatório, igreja são as pessoas que estão aqui na terra. Igreja é muito mais invisível do que visível. João Paulo II dizia que mais do que uma instituição, é um mistério. É um mistério. Nós precisamos crer na Igreja, porque se você não crê na Igreja, você não lerá a Bíblia. No meu site tem uma palestra. Eu convido o senhor a ir lá no meu site, padrepauloricardo.org, procure lá essa palestra, não há Bíblia sem igreja, procure lá essa palestra e o senhor vai aprender bastante.

Antes de analisarmos a estrutura argumentativa do fragmento selecionado, descrevemos o esquema enunciativo que orienta a interação analisada. O esquema se baseia na proposta de Charaudeau (2008) para o qual todo ato de linguagem se compõe de duas instâncias: uma de produção e outra de recepção, sendo que ambas se desdobram em um circuito interno, espaço no qual se estabelece a relação entre os sujeitos envolvidos num plano social e em um circuito externo, onde os seres sociais se convertem em seres de fala. Ambos os espaços se desdobram em duas instâncias: uma de produção e outra de recepção.

No ato de linguagem analisado observamos que o circuito externo se compõe da produção do programa, na instância de produção e dos telespectadores, na instância de recepção. No circuito interno, temos, na instância de produção, o apresentador, Felipe Aquino e seu convidado, o Padre Paulo Ricardo, na qualidade de enunciadores que respondem à questão proposta. Na instância de recepção temos o telespectador evangélico que faz a consulta e aguarda uma resposta. No entanto, a resposta dada tem também um outro alvo: os telespectadores católicos e o auditório, também católico, que está presente no estúdio no momento da gravação do programa. Esse direcionamento duplo afeta o formato da resposta, uma vez que essa deve se adequar não só àquele telespectador evangélico que enviou a consulta mas também às expectativas do público católico. O esquema abaixo resume essa relação:





Na situação descrita, a participação dos indivíduos envolvidos é mais representativa não individualmente, mas como representantes de dois grupos: o telespectador como representante dos protestantes e os apresentadores como representantes dos católicos. Entre os dois cria-se um clima de hostilidade gerado não só pelo tom da pergunta, mas pelas divergências que historicamente separam os dois grupos. O esquema enunciativo proposto acima nos ajuda a entender a imagem do falante veiculada nesta situação de comunicação, uma vez que essa imagem se compõe de uma articulação entre o circuito interno e o circuito externo da comunicação. Assim, a imagem proposta se insere num contexto midiático e prevê um público que extrapola o destinatário direto (o telespectador protestante), mas atinge os católicos que assistem ao programa pela televisão.

A resposta é elaborada predominantemente pelo Padre Paulo Ricardo, mas também conta com a intervenção do Professor Aquino. Em função do tom agressivo da pergunta, os enunciadores assumem uma postura de contra-ataque e a resposta se coloca como uma contra-argumentação às afirmações. Assim, fica claro o teor patêmico da resposta, que recorre algumas vezes à ironia e se aproxima do sarcasmo, não apenas para responder às críticas encaminhadas pelo telespectador, mas também para desqualificar o protestantismo. Ao mesmo tempo, há um esforço para criar uma imagem positiva do catolicismo, que procura desconstruir a imagem negativa proposta pelo protestante. Dessa forma, os apresentadores rebatem, em etapas, as críticas do telespectador, fomentando uma rivalidade entre católicos e protestantes.

Argumentos da ordem do logos

Identificamos no fragmento analisado alguns procedimentos argumentativos elencados por Perelman (1996), dos quais destacamos: a argumentação por comparação, que é o tipo de argumentação que predomina e ao qual as demais se subordinam; a argumentação pelo sacrifício, o argumento pragmático e o argumento de autoridade.

Considerando, a princípio, a pergunta encaminhada ao Programa, verifica-se que na participação do telespectador há uma série de críticas à Igreja Católica. São elas:

- i. A Igreja Católica é uma “grande Babilônia”;
- ii. A Igreja Católica é prepotente, falida, suja, um antro de perdição e de pedofilia;
- iii. Cristo não fundou a Igreja Católica;
- iv. Pedro não foi Papa.

Além das críticas resumidas acima, o telespectador aconselha aos apresentadores (e, indiretamente, a todos os católicos) que estudem mais. Extraem-se da participação duas questões objetivas: “Gostaria de saber onde está escrito na Bíblia que Jesus fundou igreja e onde está escrito que Pedro foi Papa.”.

Para analisar a estrutura da argumentação em termos lógicos, vamos recorrer à identificação de algumas técnicas argumentativas descritas por Perelman (1996) que foram usadas pelos apresentadores do programa para rebater a cada uma das críticas elencadas acima, começando da ideia de que a igreja Católica é uma grande Babilônia.

A comparação da Igreja Católica à Babilônia retoma uma metáfora relativamente frequente no discurso religioso que associa a Babilônia a um império de perdição, luxúria e crueldade. Tal associação está ligada a fatos históricos tais como o chamado Cativeiro Babilônico, período no qual o faraó Nabucodonosor II comandou a deportação em massa e exílio dos judeus para a Babilônia.

A resposta a essa crítica toma como eixo a argumentação pela comparação, que salienta os méritos e virtudes da Igreja Católica atestados pela sua importância histórica para a criação e consolidação do cristianismo, o que dissiparia qualquer semelhança entre a Igreja Católica e o Império Babilônico. Trata-se de uma comparação baseada em fatos históricos que tenta contrastar católicos e protestantes, em relação à tradição e ao mérito das duas igrejas para a produção e conservação da Bíblia e, conseqüentemente,

ao papel das duas igrejas para a sobrevivência e manutenção do cristianismo. Nesse sentido, há uma exaltação dos católicos e uma desvalorização dos protestantes em relação a sua importância histórica. Os dados históricos que recuperam a origem do cristianismo e revelam que a Igreja Católica antecede a protestante em mais de 1500 anos reforçam essa comparação:

(1) Você que tem uma igreja que surgiu a partir da imprensa é fácil carregar a Bíblia debaixo do braço porque você nasceu quando já tinha a imprensa. A igreja católica teve que viver durante 1500 anos onde a Bíblia não era um livrinho assim. Era uma biblioteca imensa que ninguém podia ter em casa porque tinha que ser copiada palavra por palavra. Não é? E nós sobrevivemos 1500 anos, graças a Deus, a tradição, da palavra de Deus que foi transmitida.

Desenvolve-se, a partir daí, uma comparação baseada nas oposições descritas abaixo:

1. os católicos deram sua vida e se sacrificaram para que a Bíblia existisse, enquanto os protestantes a receberam pronta, de pára-quadras.
2. os casos de pedofilia são estatisticamente mais numerosos entre os protestantes do que entre os católicos.

A comparação se presta não apenas a rebater as afirmações do evangélico, ressaltando o mérito da Igreja Católica, mas também para desqualificar as igrejas evangélicas. Os termos da comparação são adequados ao auditório, pois os enunciadores se dirigem aos protestantes, que prezam e adotam a Bíblia como referência dos ensinamentos de Deus. Assim, para favorecer a eficácia da argumentação, o enunciador insiste em enfatizar que a escritura e conservação da Bíblia que hoje os protestantes cultuam é de responsabilidade exclusiva dos católicos.

Condicional a essa estruturação da argumentação, que é construída a partir da comparação entre católicos e protestantes, adota-se também a argumentação pelo sacrifício. Para Perelman, na argumentação pelo sacrifício deve-se medir o valor da coisa pela qual o sacrifício é feito. Trata-se de um argumento que expressa uma relação

meio-fim, em que o sacrifício é um meio de se obter algo. O enunciador enfatiza a existência de mártires, que deram sua própria vida para testemunhar a fé em Cristo e preservar a palavra de Deus. Sendo assim, os primeiros católicos sacrificaram suas vidas pela sobrevivência do cristianismo. Tendo em vista que tal argumento se baseia no raciocínio de que quanto maior o valor do objeto pelo qual é feito o sacrifício, maior o mérito daquele que se sacrificou, os protestantes seriam obrigados a reconhecer o mérito dos católicos.

Outro tipo de argumento adotado é o chamado “argumento pragmático”. Para Perelman (1996), o argumento pragmático é “aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis. (...) Para apreciar um acontecimento, cumpre reportar-se a seus efeitos.” (p.303) Acreditamos que não apenas o ato será avaliado por suas consequências, mas o agente, o responsável pelos atos. No discurso analisado, os católicos foram capazes de se sacrificar, e mesmo de doar suas vidas pela preservação da Bíblia. Daí o mérito dos católicos. Assim, para medir o valor dos católicos basta ver o resultado do seu sacrifício. Tendo em vista que o argumento pragmático depende de um acordo sobre o valor das consequências, deve-se reconhecer sua validade nesta situação, uma vez que o enunciador se refere à preservação do cristianismo.

Por fim, o enunciador utiliza o argumento de autoridade o qual, segundo Perelman, recorre a atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese. Tal argumento é usado para rebater mais diretamente à afirmação de que Jesus não teria fundado igreja e se constitui a partir do uso de passagens bíblicas que atestam que Jesus fundou, sim, o cristianismo.

Argumentação e ethos

Segundo Rosado, Silva e Melo (2011) o *ethos* refere-se à imagem de si que o enunciador constrói não só a partir de seu dizer, mas, também, de seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas e suas crenças implícitas que são capazes de construir uma representação de sua pessoa, bem como de reforçar ou refazer a imagem prévia do sujeito comunicante que circula no seu grupo social. Essa imagem construída

MELO, Mônica Santos de Souza. O discurso religioso televisivo: a argumentação sob uma perspectiva discursiva na resposta a um protestante. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 189-208, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

no e pelo discurso, facilita a realização do projeto de fala do sujeito enunciador (EUE), uma vez que ela permite que o locutor seja julgado e avaliado pelo destinatário como digno de crédito.

No âmbito da Análise do Discurso tal noção tem sido adotada por vários autores. Para Charaudeau (2006), o *ethos* é um dos processos linguageiros diante dos quais o enunciador é colocado quando ele toma a palavra para influenciar o seu destinatário. Trata-se de um processo de identificação que retoma uma imagem prévia do sujeito-comunicante que circula no grupo social ao qual ele pertence, seja para reforçá-la, seja para reconstruí-la. Para esse autor:

(...) o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apóia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe a priori do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2006, p. 115).

Dessa forma, a imagem do sujeito falante, isto é, o seu *ethos*, é a fusão de uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, de uma identidade discursiva construída por ele, visando a eficácia de seu discurso. Assim, o efeito de sentido que o locutor constrói em seu discurso depende ao mesmo tempo daquilo que ele é, enquanto ser psicossocial e daquilo que ele diz enquanto ser discursivo.

Na medida em que o *ethos* está relacionado à percepção das representações sociais que tendem a essencializar essa visão, ele pode dizer respeito tanto a indivíduos quanto a grupos. Em último caso, os grupos julgam os outros grupos com base em um traço de sua identidade. (CHARAUDEAU, 2006, p. 117)

Ainda para Charaudeau, todo ato de linguagem pressupõe a criação de uma imagem de si. Segundo esse autor: “Não existe um ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si. Quer queiramos ou não, calculemos ou neguemos, a

MELO, Mônica Santos de Souza. O discurso religioso televisivo: a argumentação sob uma perspectiva discursiva na resposta a um protestante. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 189-208, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

partir do momento em que falamos, aparece (transparece) uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dissermos.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 86). Portanto, se o sujeito se inscreve de forma mais ou menos explícita em qualquer produção linguageira, esta inscrição é responsável pela construção da sua imagem. Tal proposta é compatível com a visão de Maingueneau (1993), para quem o *ethos* nem sempre é dito explicitamente, mas, muitas vezes, é mostrado. Para Maingueneau:

O que o autor pretende ser, ele o dá a entender e mostra; não diz que é simples ou honesto, mostra-o por sua maneira de se exprimir. O *ethos* está, dessa maneira, vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo “real” (apreendido) independentemente de seu desempenho oratório: é, portanto, sujeito da enunciação (1993: 138)

Verifica-se, ainda, que, através da sua fala, o enunciador pode levar o ouvinte a transpor a imagem positiva que constrói de si (um sacerdote que possui caráter, virtude e humanidade), para a instituição que representa – a Igreja Católica.

Vejamos agora como a fala em questão procura reconstruir a imagem do falante e da instituição que ele representa, constituindo-se como ingrediente essencial para fundamentar os argumentos defendidos.

Primeiramente, vemos que o falante se apresenta como alvo de acusações infundadas, assumindo um *ethos* pessoal e institucional de vítima. Tal imagem é mostrada em passagens como:

(2) Vamos por partes porque é um tiroteio. Isso não é uma pergunta. É um tiroteio.

Assumindo-se como vítima, ou como representante de uma instituição que é alvo de um “ataque”, o enunciador coloca-se numa posição de alguém que tem o direito e o dever de se defender. Por outro lado, desenha a imagem do telespectador que enviou a pergunta como alguém de índole violenta, que levanta acusações infundadas e levianas contra a igreja católica.

Apesar de assumir, a princípio, essa postura defensiva, o enunciador parece contra-atacar as acusações encaminhadas pelo espectador, assumindo uma posição de

aparente superioridade condicionada por um saber e por uma série de qualidades, tais como o caráter, a humanidade e a potência.

O *ethos* de sabedoria visa provocar sobre o outro a admiração e o respeito, que são resultado, no âmbito religioso, por um profundo conhecimento da história da igreja e do conteúdo da Bíblia. São várias as passagens em que essa sabedoria é sugerida. Entre elas:

(3) Uma outra coisa, outra coisa que foi colocada aí nessa pergunta, padre Paulo, eu não entendo como faz uma pergunta dessas, onde está na Bíblia que Jesus fundou a Igreja? Meu Deus, Mateus, 16,17 e 18: sobre ti, Pedro, edificarei a minha igreja.

(4) Vai estudar a história da Igreja e entender que foram 3 séculos de brigas, 3 séculos de briga porque os gnósticos, como bem lembra o senhor Dan Brown no Código Da Vinci, os gnósticos queriam colocar todo tipo de asneira dentro da Bíblia.

(5) No meu site tem uma palestra. Eu convido o senhor a ir lá no meu site, padrepauloricardo.org, procure lá essa palestra, não há Bíblia sem igreja, procure lá essa palestra e o senhor vai aprender bastante.

Parece claro, na passagem acima, que, além de exaltar seu próprio conhecimento, o enunciador enfatiza a “ignorância” do telespectador protestante. Ou seja, mais uma vez, a construção de uma imagem positiva do padre católico contrasta com a proposição de uma imagem negativa do evangélico.

Verifica-se, também, na passagem acima, a construção de um *ethos* de humanidade. O *ethos* de humanidade é resultado de uma avaliação do ser humano em termos de sua capacidade de demonstrar sentimentos, compaixão para com aqueles que sofrem e também pela capacidade de confessar suas fraquezas e gostos. (CHARAUDEAU, 2006, p. 148). Assim, ao dar conhecimento ao evangélico da existência de uma palestra onde o evangélico poderá “aprender bastante”, o padre assume a postura de benfeitor, daquele que, apesar de se sentir ofendido pelas acusações do evangélico, tem a nobreza de compartilhar com ele seus conhecimentos.

Em decorrência dessa atitude, que demonstra uma benevolência em relação à postura do telespectador, há também a construção de um *ethos* de virtude, uma vez que

o enunciador demonstra sinceridade e uma imagem de transparência e correção pessoal. Ao mesmo tempo, propõe-se um *ethos* de caráter, ligado à demonstração de força associada a equilíbrio, tranquilidade e correção de comportamento. No relato, essa imagem pode ser depreendida da atitude do enunciador, que procura rebater de forma enérgica, mas equilibrada, as acusações direcionadas à igreja católica.

Destacamos que essa construção de vários *éthé* positivos visam, a princípio, promover uma imagem de referência que pode despertar no ouvinte um comportamento de adesão. Porém, nesse contexto, essas estratégias revelam-se muito mais como artifícios que visam reafirmar uma imagem positiva diante do grande número de telespectadores católicos que supostamente teriam sido também ofendidos pelas acusações feitas. Assumindo uma postura crítica diante do comportamento dos evangélicos que seriam pessoas que desconhecariam as origens do cristianismo e que não teriam lutado por sua consolidação, o enunciador, assumindo-se como representante da igreja católica, apresenta os católicos como modelo de conduta, cujo exemplo deveria ser adotado por um verdadeiro cristão.

Essa imagem positiva criada em torno do enunciador pode ser transferida para a instituição que o falante representa, isto é, a Igreja Católica, o que pode levar o ouvinte a uma adesão às teses defendidas.

Apelo patêmico e argumentação

Um dos componentes relevantes à argumentação é o *pathos*, ou seja, o conjunto de emoções suscitadas através do discurso. Charaudeau propõe um estudo discursivo das emoções, propondo que as emoções revelam um estado qualificativo de ordem afetiva, mas, ao mesmo tempo, um estado mental intencional de ordem racional, já que visam a um objeto que é representado por um sujeito que tem uma visão sobre o mundo e que possui valores que fazem parte de um consenso social. Para esse autor, as emoções constituem saberes de crença a partir de imaginários sociodiscursivos que servem para provocar uma reação comportamental.

Segundo Charaudeau (2000), há uma dupla enunciação de efeito patêmico:

1) uma enunciação da expressão patêmica, enunciação ao mesmo tempo elocutiva e alocutiva que visa a produzir um efeito de patemização seja pela descrição ou manifestação do estado emocional no qual o locutor se encontra, seja pela descrição do estado emocional no qual o outro deveria se encontrar;

2) uma enunciação da descrição patêmica, enunciação que propõe ao destinatário a narrativa (ou um fragmento) de uma cena dramatizante susceptível de produzir um tal efeito. Nesse caso, o efeito patêmico é construído por uma construção identitária entre os interlocutores, ou seja, depende do elo que se supõe unir o destinatário à situação descrita e aos protagonistas.

Tendo em vista a descrição da situação e dos componentes linguístico e visual do programa analisado e considerando a descrição de Charaudeau (2000) a respeito dos efeitos patêmicos do discurso, podemos afirmar que a resposta ao telespectador evangélico atende às condições para produção do efeito patêmico, a saber:

1) o discurso produzido se inscreve num dispositivo comunicativo cujos componentes (sua finalidade e os lugares que são atribuídos antecipadamente aos parceiros da troca), predis põem ao surgimento de efeitos patêmicos: trata-se de um programa religioso, direcionado, preferencialmente, ao público católico, o que favorece um sentimento de empatia e aceitação por parte do telespectador em relação ao que vai ser tratado.

2) o campo temático sobre o qual se apoia o dispositivo comunicativo prevê a existência de um universo de patemização e propõe uma certa organização dos tópicos (imaginários sociodiscursivos) susceptíveis de produzir tal efeito: a seção do programa de pergunta e resposta por si só não predis põe ao surgimento da emoção, porém o fato de se tratar de representantes da igreja católica respondendo a severas críticas de um evangélico já pode favorecer o surgimento de reações de ordem patêmica que vão da simples solidariedade ou identificação a sentimentos mais fortes, como a revolta e a indignação.

3) no espaço de estratégias deixado disponível pelas restrições do dispositivo comunicativo, a instância de enunciação adota uma encenação discursiva com

finalidade patemizante.: algumas ocorrências ao longo da fala do Padre Paulo Ricardo e de Felipe de Aquino deixam evidente a reação subjetiva frente às questões abordadas. O exemplo mais evidente são expressões de natureza irônica e/ou sarcástica para nomear ou qualificar os protestantes, como nos exemplos que se seguem:

- (6) vamos entrar nos 27 livros do Novo Testamento que é na minha Bíblia e na sua, seu doutor protestante
- (7) Porque esse pessoal protestante acha que a Bíblia caiu do céu de paraquedas com zíper e tudo, né?
- (9) O protestante acha que o mundo se resume à cabecinha deles,

Em (6) há uma ironia, quando o falante utiliza a forma de nomeação “doutor protestante” para se referir ao telespectador que encaminhou a pergunta ao programa. Tal uso pode ser considerado irônico, uma vez que, o tempo todo, o enunciador tenta qualificar o telespectador como alguém ignorante, que não conhece a história do cristianismo nem a Bíblia a fundo. Também se percebe um sarcasmo na expressão “cabecinha”, que sugere que os evangélicos são pessoas cuja inteligência ou capacidade de compreensão é limitada. Tal proposição é reforçada quando se afirma que os protestantes acham que a Bíblia caiu do céu de paraquedas. Por fim, há um tom de desprezo na expressão “esse pessoal protestante”, que juntamente com as outras ocorrências deixam evidente, apesar de uma aparente serenidade na organização da resposta, um sentimento de indignação por parte do enunciador. Agindo assim, adota um comportamento que se alinha com o pensamento do público telespectador de maioria católica.

Considerações finais

A partir de uma análise que procurou articular os estudos da argumentação e uma perspectiva discursiva, pudemos constatar na “resposta ao evangélico” uma articulação entre procedimentos da ordem do *logos*, do *ethos* e do *pathos*, que permitiu ao enunciador não apenas rebater as acusações direcionadas ao programa pelo

MELO, Mônica Santos de Souza. O discurso religioso televisivo: a argumentação sob uma perspectiva discursiva na resposta a um protestante. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 189-208, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

telespectador, mas também satisfazer ao público de maioria católica que assiste semanalmente ao programa. Agindo dessa maneira, o locutor procurou, a partir de uma legitimidade já instituída, alcançar credibilidade junto ao público, posicionando-se como alguém que defende uma posição de verdade. Verificamos, portanto, que o dispositivo midiático no qual se insere o discurso analisado foi determinante para a utilização das estratégias adotadas pelo enunciador para convencer e captar o seu público.

Referências

CARRANZA, Brenda. *Catolicismo midiático*. SP: Ideias e Letras,

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

_____. La pathémisation à la télévision comme stratégie d'authenticité. In: *Les émotions dans les interactions*, Lyon, Presses universitaires de Lyon, 2000

_____. Visées discursives, genres situationnels et construction textuelle. In: *Analyse des discours. Types et genres*. Éd. Universitaires du Sud, Toulouse, 2001.

_____. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

GASPARETTO, Paulo Roque. *Midiatização da religião*. Processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. SP: Paulinas, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Le contexte de l'oeuvre littéraire*. Paris: Dunod, 1993.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; e SALGADO, L (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso*. A construção do ethos. SP: Contexto, 2005.

PERELMAN, Chaim. *Tratado de argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ROSADO, Leonardo Coelho Correa; SILVA, Elaine; MELO, Mônica Santos de Souza. *Um estudo do ethos discursivo em audiências de conciliação*. In: *Linguagem em (dis)curso* (on-line). Vol. 12, 2012, p. 71-98.

MELO, Mônica Santos de Souza. O discurso religioso televisivo: a argumentação sob uma perspectiva discursiva na resposta a um protestante. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 189-208, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

SOULAGES, J. C. *Les mises en scènes visuelles de l'information*. Étude comparée France, Espagne, États-Unis. Paris: Nathan, 1999.

Recebido em outubro de 2013.

Aceito em novembro de 2013.